

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

CICLÉA MENDES MARQUES

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro

2012

CICLÉA MENDES MARQUES

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Dra. Cristina Laclette Porto

Rio de Janeiro

2012

M3481b Marques, Cicléa Mendes

O Brincar na educação infantil / Cicléa Mendes Marques. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–
22 p. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2012.

Orientador: Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Creche.
5. Educador. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

CICLÉA MENDES MARQUES

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012.

EXAMINADORES

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto
Orientadora

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

CICLÉA MENDES MARQUES

Eu dedico este trabalho primeiramente aos meus netos, Livia Emanuele e Pedro Gabriel, aos meus filhos e a todas as crianças que foram atendidas por mim na creche

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre ter iluminado meu caminho.

A minha mãe e meu pai em memória.

Aos meus filhos, por todo o apoio e compreensão nas horas ausentes.

Aos meus orientadores, por todo o auxílio em todos os momentos desta pesquisa.

A todos os amigos e colegas, que colaboraram para que esta pesquisa se realizasse.

Aos professores, pela compreensão e paciência em especial Heloisa Protásio e Maria Delcina Feitosa.

Aos meus familiares pelo apoio, carinho e orgulho que sentem por mim.

“Brincar não é perder tempo, é ganhá-lo. É triste ter meninos sem escola, mas mais triste é vê-los enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação humana.”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Trata da questão do acesso aos espaços públicos de educação infantil como direito, e, por meio relatos de sua prática a autora provoca a reflexão sobre a criança como um ser social e da brincadeira como um fenômeno de cultura. Os relatos identificam a diversidade de brincadeiras que cada criança traz em seu repertório para a instituição de educação infantil. Traz indagações sobre o papel do educador inserido nesse contexto.

Palavras-chave: Educação. Normal Superior. Educação Infantil. Creche. Educador.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DA BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS AO GOSTO PELA LEITURA	12
2 TIPOS DE BRINCAR NA CRECHE	16
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

INTRODUÇÃO

Toda criança tem direito à educação, garantido pela Constituição Brasileira de 1988. Elas podem frequentar espaços de Educação Infantil que exercem um papel importante no seu desenvolvimento.

Corsino (2009) afirma que o direito à Educação Infantil deve ser acompanhado de outros direitos como: proteção das crianças a qualquer tipo de negligência ou violência; provisão de suas necessidades básicas, físicas e emocionais, tais como saúde, higiene, alimentação, afeto, curiosidade, etc.; participação social, pela ampliação progressiva de suas experiências e conhecimentos.

O que pude constatar é que apesar disso, há uma grande lista de espera o que significa, que muitas ainda não frequentam as instituições de educação infantil por falta de espaços que as recebam e também pelo fato de não ser obrigatório. Percebe-se que algumas famílias ainda não tomaram ciência de que, hoje em dia, as creches e pré-escolas deixaram de ser exclusivas para crianças de mães que trabalham fora e que é direito de todas as crianças.

A criança que frequenta uma instituição de Educação Infantil desenvolve melhor a sua capacidade de criar e transformar, por meio de interações com outros, adultos e crianças. O ambiente institucional deve oferecer possibilidades de um acolhimento de qualidade que a estimule a enfrentar os desafios para que desenvolva a sua criatividade, ampliando suas experiências e se apropriando de seu universo cultural.

A monografia está estruturada em introdução, dois capítulos e referências bibliográficas. Nessa introdução trato da questão do acesso aos espaços públicos de educação infantil como direito. No capítulo um teço a relação da brincadeira e do ato de aprender. No capítulo dois trago relatos de minha prática para provocar a reflexão da criança como um ser social e da brincadeira como um fenômeno de cultura. Nas considerações finais relato minha passagem pelo Instituto Superior de Educação (ISEPS) e teço considerações sobre o tratado na monografia.

1 DA BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS AO GOSTO PELA LEITURA

Adultos adoram brincar com as crianças pequenas, adoram fazer caretas, cantar, bater palmas e acariciar os pequenos. Além disso, os adultos favorecem a brincadeiras da criança e participam de várias delas.

Apesar de não ser uma atividade restrita ao mundo infantil, uma vez que constitui uma dimensão humana fundamental, para a criança, o brincar assume uma centralidade como modo de agir sobre a realidade e de se relacionar com os outros sujeitos - seus pares e os adultos. Para Vygotsky (1998), o brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, construindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Brincando com outras crianças e com adultos a criança aprende sobre o mundo. A brincadeira ajuda na interação do grupo, no desenvolvimento da fala, faz com que a criança apresente o seu universo cultural e incorpora novos conhecimentos sobre regras e desafios da sociedade.

O jogo simbólico começa a aparecer na medida em que se constrói a representação mental na criança. Ele está diretamente vinculado ao aparecimento da linguagem. O jogo simbólico é o jogo da inauguração do “faz-de-conta”, onde um mesmo objeto pode ser transformado em diferentes coisas ao bel prazer da criança, que também vive diferentes papéis de acordo com o contexto dramático que criou. Da mesma forma que o bebê apreende o mundo através do jogo motor, é através do jogo simbólico que a criança de 2 a 6 anos apreende o seu mundo, agora não só físico, mas também representado através de imagens. Nas suas brincadeiras, o prazer de construir e o prazer de destruir são idênticos, pois ampliam o seu senso de controle sobre o meio ambiente. Há também a tranquilidade de descobrir que as coisas podem ser reconstruídas.

Ao brincar a criança descobre o mundo que a cerca e passa a fazer o reconhecimento de si mesma. A criança, quando brinca de representar ou reproduzir, começa a compreender o mundo e muitas vezes, expressa desejos de mudar o rumo de algumas histórias que vivencia no seu dia-a-dia.

Antes mesmo de chegar na escola, é no convívio familiar que a criança aprende a ouvir e a brincar com palavras que são passadas de geração a geração, Segundo Corsino (2009), "*as palavras servem para brincar, para rir, para chorar, para expressar sentimentos e desejos, para comunicar-se com outro, para pensar*".

É através da linguagem que nos apropriamos de nossa cultura e nos comunicamos com outras pessoas. A brincadeira em grupo possibilita que a criança apresente, através da linguagem, cenas do cotidiano e diálogos estabelecidos entre ela e os adultos. Estes passam a ser interlocutores e ouvintes, fazendo o uso das palavras e a articulação de gestos.

A criança pequena utiliza o corpo para comunicar-se com o adulto e até mesmo com outra criança. O bebê consegue transmitir para a mãe os seus sentimentos, através do choro, do riso e do movimento das pernas. Desse modo, a mãe consegue identificar a situação em que o bebê se encontra: se quer mamar, dormir, se está com dor, se está feliz, se está triste ou se está satisfeito. As mímicas estabelecem canal de comunicação da criança com o adulto, que deve fazera interpretação, levando em conta este meio de comunicação que não utiliza a fala. É preciso que a criança conviva com pessoas de diferentes idades para que possa ampliar o seu universo de comunicação. Partindo desse princípio, de que a mímica é um meio de comunicação da criança, pode-se inclusive notar se uma criança apresenta problemas auditivos, mesmo que ainda não tenham sido identificados pelos pais ou pelos educadores. As mímicas favorecem que ela seja compreendida e ouvida, da mesma forma que as outras, que não tem este mesmo problema.

Os espaços oferecidos devem ser de igualdade para todos; as crianças precisam brincar e desenhar. Quando o tempo utilizado por ela é restrito, utiliza outros meios de permanecer brincando, mesmo sendo limitada, mas os cantinhos organizados na sala favorecem a brincadeira, a narração, o desenho, a imitação e possibilitam a troca de falas, afetos e emoções.

Corsino (2009) comenta os estudos de Vygotsky sobre os chimpanzés e concorda com o psicólogo russo de que existe uma fase pré-linguística, que pelo desenvolvimento da linguagem faz surgir o homem sócio-histórico.

Ao conviver com pessoas de idades diferentes, a criança passa a assimilar e a incorporar novas formas ao seu universo lingüístico, passando por transformações do pensamento até que comece a utilizar a fala, aumentando gradativamente a quantidade de palavras por ela utilizada.

As instituições de Educação Infantil tem importante papel, pois o educador pode estimular o desenvolvimento da fala da criança nas atividades de rotina, nas conversas em rodinha e na interação com o grupo de crianças e de adultos. Encorajar a criança é dever do adulto, tanto na instituição, quanto no convívio familiar. Perceber a diferença de repertório cultural de cada criança é necessário para que compreenda-se e valorize-se esse contexto e para que esse universo seja ampliado. Brincar com elementos culturais que passam de geração a geração permite o reconhecimento dos sons e dá condições de saber o repertório que cada criança revela em suas experiências lúdicas.

Brincadeiras com o nome da criança ou de outras pessoas promovem, na criança, sensação prazerosa e aguçam o desejo de saber como é a forma de fazer a representação desse nome através da escrita. A alfabetização passa a ser processada de maneira atraente, pois a consciência fonológica foi gerada por análise e será necessária para assimilar os recursos de natureza alfabética para o desenvolvimento da língua escrita.

A hora da história possibilita que a criança narre os fatos por ela entendidos, permitindo que compartilhe com as outras o seu entendimento e venha a tornar-se uma pessoa crítica. Para que isso ocorra, no entanto, é necessário que o educador faça a mediação desse diálogo, durante e depois da contação da história, sabendo que a criança, através da história, cria fantasia e imagina, mesmo sem ter o domínio da leitura e sem ser ainda alfabetizada. A criança gosta de ouvir a mesma história várias vezes, desta forma ela emenda os fatos e passa a ter gosto pela leitura. O educador precisa atender este apelo da criança, pois ela se sente motivada a adquirir este hábito.

Os livros a serem apresentados para a criança devem ser bem analisados pelo educador, que, com certeza, vai perceber que o seu gosto por

certa leitura não significa que seja de agrado da criança também e que, quando seus anseios não são realizados, a aprendizagem não acontece e a concentração nesta atividade torna-se difícil. O espaço aberto para essa troca de experiência possibilita o uso da linguagem. Quando a criança consegue assumir papéis dos personagens, usando a fala, imitando e articulando os gestos está agindo nesse sentido.

2 TIPOS DE BRINCAR NA CRECHE

Vimos no capítulo anterior que, ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre o mundo. Os significados culturais, os valores, os conhecimentos, as habilidades e as formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças.

A brincadeira é em si mesma um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, reconhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos, nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa dessa forma um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas. Além disso, o brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância, compreendidas como significação e formas de ação social específica que estruturam as relações das crianças entre si, assim como estruturam os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo. (BORBA, 2006).

Brincando com os outros, participando de atividades lúdicas, as crianças constroem um repertório de brincadeiras e de referências culturais que compõem a cultura lúdica infantil, ou seja, o conjunto de experiências que permite as crianças brincarem juntas. (BROUGÈRE, 2002).

E para saber o que cada criança traz de seu contexto a observação das brincadeiras e dos diálogos das crianças entre si e com adultos, feitos de palavras e gestos, podem ser esclarecedores.

Minha neta, quando nasceu, foi morar na minha casa. Ela passava o tempo todo ao meu lado, observando todos os meus movimentos. Toda a tarde ficava com sua mãe no portão, olhando as brincadeiras das crianças na rua. Na maioria das vezes, as crianças jogavam bola e ela ficava atenta, observando a bola rolar.

Certo dia, eu estava em casa estudando e a folha do caderno estragou e não poderia mais ser utilizada. Ela estava ao meu lado, pedi que levasse a folha e a jogasse no lixo, mas Livia reagiu, amassando o papel. Quando percebeu que já havia o formato desejado, começou a jogar de um lado para o

outro e convidou-me para jogar. Achei muito interessante a idéia que teve do objeto que lhe agradava e tentou imitar.

Neste ano de 2012, recebi uma criança que havia acabado de chegar da Bahia. O seu sotaque era completamente diferente do modo como as crianças estavam acostumadas a falar. No início, o grupo, que já estava freqüentando desde o começo do ano, ficava paralisado e achava engraçado seu jeito de falar baiano, mas, aos poucos, foi percebendo o que este menino tinha para apresentar sobre sua cultura. A capoeira, apesar de estar presente em muitas famílias aqui no Rio De Janeiro, causou espanto nas crianças, pois o menino dançava o tempo todo. Isso foi sendo incorporado por algumas crianças da turma assim como o ritmo da Timbalada que também foi apresentado para a turma. Ele adorava mostrar o que sabia da sua terra natal.

Quando brincava de restaurante, só vendia as comidas típicas da Bahia. Então, passamos a planejar atividades de músicas e danças tradicionais do Rio de Janeiro e da Bahia, para que a troca de experiências fosse incentivada.

Esta foi uma referencia espontânea trazida por esta criança e que se tornou um excelente caminho para a descoberta de novos conhecimentos, ampliando o repertorio cultural sobre costumes de diferentes regiões.

É possível observar na rotina da creche, diversos hábitos que as crianças trazem de casa desde a forma como escovam os dentes, tomam banho e se vestem até o modo como inventam as brincadeiras.

É muito interessante observar que mesmo antes de começar a brincadeira, as crianças fazem a as suas escolhas; distribuem funções, atribuições para cada uma delas, fazendo com que as regras construídas sejam respeitadas.

Durante três dias consecutivos, observei o Luiz Roberto, na creche Municipal Pintando o Sete. Percebi que ele gostava muito de brincar com os brinquedos da casinha de bonecas da nossa sala. Ele pegava os bancos, e os colocava um em cima do outro sobre a mesa. Era como se estivesse montando um bolo, (aquele de andares) e em cada fileira colocava jogos de encaixes (recheio), um pouco em cada espaço (andar).

Após essa construção, ele convidava os colegas a participarem da festa e todos cantavam “parabéns pra você...” Quando terminavam de cantar, ele derrubava cada parte no chão e não demorava muito, repetia tudo outra vez...

Este jogo era de construção combinado ao jogo simbólico.

Durante dois dias, dirigi meu olhar para a Kethley. No primeiro dia, ela foi ao cantinho das bonecas, pegou um carrinho e colocou a boneca dentro dele. Começou a passear na sala com o carrinho, o tempo todo. Suas colegas também estavam querendo brincar com aquele brinquedo, mas Kethley não deixou; ficou correndo na sala para que ninguém lhe tomasse o seu brinquedo. A menina organizou a cena num espaço e num tempo, fingindo ser a mãe e a boneca sua filha.

No segundo dia, a menina foi ao baú, onde os brinquedos eram guardados e começou a procurar o que queria. A Kethley veio para a entrada da sala com vários brinquedos e algumas roupas que as crianças da turma costumavam usar para brincar. Em seguida, apresentou-me um objeto que deu o nome de “celular” e uma bolsa. Eu não sabia que já estava participando da brincadeira e não alterei meu papel, continuei sendo a professora. A menina voltou ao baú e pegou outro “celular” e então começou a fazer suas transformações: vestiu as roupas, pegou uma boneca, o celular e a bolsa. Convidou a colega Rafaella para participar como “advogada”, enquanto ela era a “mãe”.

Outra situação que se destacou durante a pesquisa foi a relação das crianças com os materiais recicláveis e com a natureza. Na creche, criamos o hábito de confeccionar brinquedos com sucatas e diversos tipos de materiais. Coletamos sucatas em nossas casas e pedimos aos responsáveis para que façam o mesmo. Esses materiais ficavam guardados em lugares aos quais as crianças não tinham acesso. Certo dia, ao pegar algumas sucatas para confeccionar brinquedos com elas, fiquei surpreendida com algumas que pegaram caixas de produtos de diversos gêneros e começaram a fazer uma arrumação como se estivessem arrumando a casa. Cada material estava organizado dentro do seu espaço, produtos de higiene pessoal, limpeza de casa, alimentos e etc. Ao ver tanto empenho em reproduzir espaços e utilidades para o lar, decidi que esses materiais deveriam estar em local onde as crianças pudessem manusear livremente e não somente fazer o uso num processo de construção estabelecida previamente por mim. Outra questão que me desequilibrou a partir dos estudos realizados, é a falta de contato com a natureza. Segundo Murta Filho (2012) o modo de se organizar das cidades,

sua cultura, distancia as crianças da natureza, é papel do adulto levá-los ao encontro da natureza, evitando o sedentarismo.

Passei a refletir sobre a importância que tem as brincadeiras livres, no quintal da creche em que eu trabalho e que foi criada com uma área externa que impossibilitava as crianças de manter este contato com a natureza.

Refiz a rotina e comecei a pensar em maneiras de levar as crianças a um outro espaço sem correr riscos. As crianças só brincavam dentro da sala ou no pátio com casinha, num chão cimentado e parede toda branca, sem que pudessem colocar a mão, pois não podiam sujar nada. Então, passei a levá-los para o quintal. As crianças amaram poder brincar naquele lugar, e isso deu ideia para as outras turmas irem para o quintal brincar com as crianças.

Percebendo esta necessidade, a direção tomou providências e colocou os brinquedos do parquinho do lado externo da creche. Por meio das grades, os moradores, que antes não viam as crianças da creche em atividades ao ar livre e acharam uma maravilha a ideia de poder vê-las brincando.

Esta sensação de liberdade tornou mais prazerosa a nossa rotina em sala de aula, e os nossos combinados passaram a ser realizados de maneira, mas compreensiva e aceita pelo grupo que desejava muito ficar brincando no quintal.

Em todas as cenas narradas anteriormente, as crianças reproduziam cenas do cotidiano e apresentavam as suas capacidades cognitivas. Ao interagir com os outros estavam usando a linguagem verbal e, ao mesmo tempo, uma linguagem representativa, fazendo relações com o meio, e com os símbolos, representando o que desejavam, através da imaginação. Segundo Santoro e Almeida (2012):

O jogo de “faz de conta” é uma atividade lúdica, que desenvolve na criança um alto grau de criatividade e imaginação. Essa atividade é complexa e enriquecedora para o desenvolvimento da identidade da criança. Nas brincadeiras de faz-de-conta, a criança experimenta diversas formas de agir e pensar; cria personagens e desempenha vários papéis sociais, ampliando suas concepções simbólicas e subjetivas junto às realidades vividas. (p. 3)

O faz-de-conta pode ser ressignificado através da valorização deste momento de aprendizagem, desta forma de brincadeira. Danças e histórias se tornam possibilidades enriquecedoras para apresentar valores que ajudam a

criança a se desenvolver com autonomia. O faz-de-conta faz parte do processo de desenvolvimento da criatividade e da imaginação.

Como profissional da Educação Infantil, compreendi que é necessário aproveitar esse momento para identificar as possibilidades que surgem para enriquecer o desenvolvimento das crianças.

Fig. 1 - Crianças



Fonte: Acervo da autora

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o Curso Normal Superior, que fiz no Instituto Superior de Educação Pró-Saber - ISEPS, passei a entender o universo cultural da criança e a ter um novo olhar para os momentos de brincadeira. Percebi a diversidade de referências que cada criança tem e traz para o ambiente escolar. É por isso que a criança deve ter um espaço livre que possa estimular a brincadeira e a troca de experiências entre os grupos de crianças e os adultos.

No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos, criando regras de convivência social e de participação. Nesse processo, instituem coletivamente uma ordem social, que rege as relações entre pares, e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais.

A linguagem deve ser considerada pela Educação Infantil como fator fundamental. As crianças apresentam formas diferenciadas de comunicação e manifestação que precisam ser valorizadas pelo professor que tem o compromisso de trabalhar com elas, oferecendo espaços onde suas vozes sejam ouvidas em atividades que permitem que façam seus registros.

E, é nesse espaço que a criança terá a oportunidade de imaginar, criar, brincar e sorrir, levando em consideração o meio em que vive e onde cresce. É certo que muitas assistem cenas de violência e desrespeito contra seres humanos e contra a natureza, cotidianamente. Ao freqüentar espaços adequados, podem aprender a valorizar e preservar o que há de positivo no meio em que vivem. Quando crescerem talvez tenham outra visão sobre essas cenas por elas assistidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, [19--].

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, Sp: Autores Associados, 2009.

MURTA FILHO, Adelson; HORTÉLIO, Lydia. **[Brincadeiras de roda]**. Rio de Janeiro: Jornada Pedagógica, 2012.

SANTORO, Marco; ALMEIDA, Sandra. **O brincar no processo de ensino e aprendizagem da criança e o seu desenvolvimento na educação infantil e creches**. Rio de Janeiro: Jornada pedagógica, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.